

A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DA POETISA NOÉMIA DE SOUSA NO PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA EM MOÇAMBIQUE

Carla Maria Ferreira Nogueira¹

Resumo: o presente artigo discute o percurso intelectual da escritora moçambicana Noémia de Sousa, dando destaque às referências literárias e teóricas da escritora na construção de uma ideologia revolucionária. O período colonial em Moçambique e a luta pela independência são constitutivos importantes para analisar a produção artística dessa poetisa, assim como auxilia no entendimento de sua posição sempre engajada.

Palavras-chave: Noémia de Sousa. Intelectual. Poesia. Moçambique.

INTRODUÇÃO

Nascida a 20 de setembro de 1926 em Catembe, Carolina Noémia Abranches de Sousa encontrou no âmbito familiar um ambiente profícuo de discussões e debates entre intelectuais. O fato de seu pai, o senhor Antonio Paulo Abranches da Gama, ser funcionário público emprestava a ele e a toda família uma condição socioeconômica diferenciada em relação à grande maioria da sociedade moçambicana local. Foi através do patriarca que se teve uma convivência com pessoas de ideais progressistas, citando como exemplo Estácio Dias e os irmãos Albasini, que juntos foram os fundadores do jornal *O brado africano*.

Noémia de Sousa tem sua vocação para a escrita precocemente manifestada. “Falava, escrevia e lia correctamente o francês e o inglês, além de dominar também o ronga [...], apreciava o melhor da arte europeia do cinema, admirava Júlio Pomar e estava actualizada quanto aos modernos poetas, contistas e romancistas”. (LARANJEIRA, 1995, p. 112). A escritora também vivenciou, de maneira intensa e significativa, suas leituras literárias e conhecimentos culturais advindos da Europa e da América, em especial o Brasil. Em entrevista ao crítico literário francês, Michel

¹ Graduação em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2007), mestrado em Estudo de Linguagens pelo Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens, na Universidade do Estado da Bahia (2014). E-mail: carlamar82@hotmail.com

Laban, a escritora revelou seus primeiros contatos: “Eu e meu irmão líamos aquelas coisas todas, Oliveira Martins, Eça de Queirós, Balzac, Jorge Amado, escritores neorrealistas, Drummond que tiveram muita influência nos interesses que eu tive depois”. (LABAN, 1998, p. 245).

Através de seu irmão Nuno Abranches, Noémia de Sousa toma conhecimento de alguns jovens colaboradores do jornal *Mocidade portuguesa*, em Moçambique, nos finais dos anos de 1940, na época dirigido pelo então poeta e jornalista moçambicano Virgílio de Lemos. Periódico em que mais tarde colaborou juntamente com Eugênio de Lemos, Fonseca Amaral e Rui Knopfli, todos que posteriormente se tornariam grandes escritores da literatura moçambicana. Muito embora tenha assinado como N. S, o seu primeiro poema intitulado “Canção fraterna”, publicado no jornal mencionado, a escritora despontou no cenário cultural moçambicano aos 22 anos de idade.

Irmão negro de voz quente
o olhar magoado,
diz-me:

Que séculos de escravidão
geraram tua voz dolente?
Quem pôs o mistério e a dor
em cada palavra tua?
E a humilde resignação
na tua triste canção?
E o poço da melancolia
no fundo do seu olhar?

Foi a vida? o desespero? o medo?
Diz-me aqui, em segredo,
irmão negro.

Porque a tua canção é sofrimento
e a tua voz, sentimento
e magia.
Há nela a nostalgia
da liberdade perdida,

a morte das emoções proibidas,
e saudade de tudo que foi teu
e já não é.

Diz-me, irmão negro,
quem a fez assim...
Foi a vida? o desespero? o medo?

Mas mesmo encadeado, irmão,
que estranho feitiço o teu!
A tua voz dolente chorou
de dor e saudade,
gritou de escravidão e veio murmurar à
minha em alma ferida
que a tua triste canção dorida
não é só tua, irmão de voz de veludo
e olhos de luar...

Veio, de manso murmurar
que a tua canção é minha.
(SOUSA, 2001, p. 74-75).

Em 1948, quando escreve esse poema, Noémia de Sousa já apresenta uma escrita que evidencia sua formação intelectual e cultural surpreendendo os leitores do jornal com uma poesia de conteúdo impregnado de dor, mágoa e questionamentos sobre a situação imposta ao negro. “Canção fraterna” é um poema cujo tema central apresentado se refere à subjugação do homem negro gerada

pelos anos de escravidão. O título do poema antecipa ao leitor a intenção do eu-poético em compartilhar o sofrimento do outro, que é o próprio irmão, o qual foi injustiçado e explorado pelo trabalho inicialmente escravo e depois forçado, além de ter passado pela tentativa de um processo de desumanização apoiado nas práticas racistas do século XIX. Os versos em ritmo sequenciado denunciam a exploração e a consequente agressão à vida. Estabelecem laços de solidariedade e vínculo com o negro, evidenciado a partir da sua grande empatia demonstrada no compartilhamento da dor do outro. O eu-poético se coloca diante das angústias, que leva a um compromisso político-social. A escritora tem consciência de que está em plena batalha por uma sociedade melhor, mais justa e mais humana. Por isso, acredita não ser possível ficar distante e neutra em pleno cenário de devastação, como se não sofresse as mazelas da realidade cruel.

Ao reconhecer os malefícios da colonização, o eu-poético se solidariza com a amargura do escravizado, considera-a não um ato meramente emocional e individual, contextualiza essa dor na perspectiva histórica do processo de colonização de Moçambique. Sem se isolar das circunstâncias do momento, passa a ter a causa como sua e se pronuncia a favor dela, posicionando-se de um dos lados da luta contra a colonização portuguesa e toma para si a dor dos escravizados, já que ela mesma a sente.

O poema está disposto em estrofes que estabelecem uma relação de complementaridade entre si cuja estrutura de interpelações individuais e coletivas aborda a situação do escravizado. No primeiro momento, o eu-poético, por meio da fala direta, em conversa com seu compatriota, questiona o período e os causadores de tão profunda tristeza: “Quem pôs o mistério e a dor/ em cada palavra tua?” para, em seguida, num segundo momento, aderir à causa do outro, do irmão que sofre.

A partir dessa publicação, a autora passa a ter contato com outro grupo de jovens revolucionários de Moçambique interessados em mudanças políticas e sociais. É quando conhece João e Orlando Mendes, Ruy Guerra, Ricardo Rangel, Cassiano Caldas, José Craveirinha, dentre outros, e começa a colaborar para o jornal *O brado africano*, periódico de maior repercussão em Moçambique. Ruy Guerra que saiu de Moçambique aos 19 anos, com destino à Europa, residindo em Portugal e na França, veio para o Brasil em fins de 1958, radicando-se no país onde se tornou um grande cineasta e letrista, estabelecendo parcerias musicais com

Chico Buarque, Milton Nascimento, Edu Lobo, entre outros. De acordo com suas declarações, Ruy Guerra (2003, ano I, nº 7) diz “que é um cineasta brasileiro que nasceu em Moçambique”.

Na vida literária e cultural da colônia também aparecem outros nomes que empenharam ações na defesa da causa anticolonial. Henrique Haan, Brassard, Miguel da Mata, Victor Santos, Nobre de Melo, Amália Ringler e Dolores Lopez. São nomes de jovens intelectuais do período, que partilharam das preocupações e inquietações nos movimentos de combate ao regime colonialista português. O contato e as ações conjuntas com os escritores foram se firmando e acabaram transcendendo as atividades literárias. Noémia de Sousa rompe com um ciclo da cultura patriarcal, em que à mulher, e a mulher negra, não é dado o direito de ser intelectual, tornando-se vanguardista num período em que a presença feminina na esfera pública é muito tímida.

Com relação a esse fenômeno, a intelectual bell hooks (2005), escritora negra, norte-americana, traz uma questão atual sobre os conflitos vividos e sentidos por essa mulher. Em seu texto *Intelectuais negras*, discute a importância do trabalho intelectual, acreditando que é a partir desta opção que se entende a realidade e o mundo em volta, sem separar da política e do cotidiano.

Segundo bell hooks, pouco se escreveu sobre intelectuais negras e quando a maioria dos negros pensa em grandes mentes, quase sempre lhes veem a imagem de homens e justifica essa invisibilidade afirmando que é em função do racismo, do sexismo e da exploração de classe, todos vetores notadamente institucionalizados. O texto acima dialoga com o ensaio *O Dilema do intelectual negro*, do escritor Cornel West, que embora trate da obra de homens, serviu para promover o debate sobre os danos provocados pela subordinação sexista na vida intelectual norte-americana, a qual desvaloriza o trabalho de mulheres intelectuais. A pensadora afirma que a negação às mulheres é atuação do patriarcado capitalista com supremacia branca. À mulher negra e colonizada caberia, então, o papel de ser duplamente colonizada em uma sociedade feita de homens brancos para seus iguais.

Com efeito, a história e a literatura são importantes registros desse silêncio, no caso da segunda, a de criação de estereótipos, seja de erotização ou passividade. Por isso, acredita que só através da resistência efetiva é possível exigir

o direito de afirmar uma presença intelectual, discutindo mais amplamente a respeito dessas questões. Quando diz acreditar no trabalho intelectual como parte necessária à luta pela libertação que descolonizou oprimidos e explorados, o posicionamento de bell hooks, nesse aspecto, a aproxima da atuação de Noémia de Sousa que ultrapassou fronteiras locais para lidar com uma cultura política mais ampla contra o sistema opressor.

Imbuída do desejo de romper o cerco imposto pelo sistema colonial, a poetisa participa da criação de vários projetos, a exemplo o da Associação Africana, juntamente com outros escritores da militância que defendiam valores diferentes daqueles propagados pelo colonialismo. Na tese de doutoramento, *O Movimento Associativo Africano em Moçambique: tradição e luta (1926-1962)*, a historiadora portuguesa Olga Maria Iglésias pesquisou o movimento associativo em Moçambique e o significado do seu papel na transformação de um protocolonialismo para a consciência nacionalista interventiva. Como assinala a própria pesquisadora, ao se interessar em conhecer e analisar historicamente a ideia de independência no que se revelava de dinâmico e de transformação face ao regime colonial e para avaliar como se operou a mudança, em termos de poder político, a historiadora procurou estabelecer uma ponte com o passado, levantando hipóteses à anterioridade dos movimentos, através de poetas de grito silenciado da geração de José Craveirinha e Noémia de Sousa.

Conforme Olga Maria Iglésias (2008), os movimentos associativos tiveram grande importância, dentre outros fatores, por representar as primeiras iniciativas da sociedade civil no início do século XX a se organizar contra o sistema colonial, dando continuidade aos movimentos independentistas do início da década de 1960. Seu estudo estabelece um espaço temporal de 1926 a 1962 em que a causa africana se transformou em motivo nacional, contextualizando Moçambique no quadro do período colonial com análise das estruturas econômicas, sociais e políticas.

O nacionalismo moçambicano, como praticamente todos os nacionalismos africanos, foi fruto direto do colonialismo europeu, fazendo surgir o anseio de uma unidade nacional moçambicana que partia da experiência comum do sofrimento gerado pela crescente exploração que Portugal implementou em Moçambique, impedindo o desenvolvimento de organizações anticolonialistas. O pensamento

colonial português era impregnado pelo ideal imperialista, procurando sempre defender os direitos de soberania sobre os territórios africanos, atitude que visava a construção de um império econômico e moralmente forte. A relação que se estabeleceu nessa conjuntura foi de uma dominação imposta por uma minoria exterior àqueles territórios, com uma lógica de superioridade que se assumia como de civilização dominante.

MOVIMENTOS REIVINDICATIVOS

A luta dos moçambicanos contra a dominação e exploração colonial nunca esteve apagada. No entanto, ela foi adquirindo formas e dimensões diversas de acordo com as circunstâncias da exploração colonial. O colonialismo se utilizou de alguns moçambicanos para servirem os interesses da colonização e utilizava também a religião para tentar evitar o acesso rápido do conhecimento através do processo de alienação. Conforme o professor Valdemir Zamparoni (2012), essa foi outra estratégia encontrada pelas autoridades coloniais portuguesas para colocar em prática o seu projeto de civilização às populações em Moçambique. A instalação das missões religiosas no território tinha o papel de elevar o indígena através do ensino das práticas, costumes e valores europeus como o cristianismo, a monogamia, domesticidade e o ensino para assimilar. O colonialismo português em Moçambique, segundo o professor Zamparoni, apresentou-se em algum momento como uma cruzada evangelizadora. Devido ao fato da colônia já ter uma influência do islamismo que data antes do século XV, através dos comerciantes swahili, os poucos que tiveram educação compreenderam e analisaram o comportamento dos colonizadores e acompanhavam as poucas informações que chegavam ao país das lutas de outros povos colonizados que denunciavam a desigualdade, a discriminação racial e exclusão social. O movimento do *Pan-africanismo*, o *Instituto Negrófilo*, o *Centro Associativo dos Negros da Colônia de Moçambique* e os movimentos nacionalistas funcionaram como impulsionadores da formação de uma consciência libertária, que em diálogo com os países vizinhos ganhou força.

Ao longo da luta de libertação nacional, sobretudo ao longo da luta armada, o continente africano teve um papel fundamental no desenvolvimento da consciência de libertação dos moçambicanos, onde os compatriotas que viviam em países

vizinhos, como África do Sul, Rodésia, Tanzânia, Zâmbia, entre outros, inspiraram-se e foram motivados pelas experiências das lutas políticas decorridas. A decisão política de vários países recém-libertados e da *Organização da Unidade Africana*, em conceder apoio político, diplomático, militar e humanitário aos povos em luta pela independência teve um impacto preponderante sobre os moçambicanos. A este propósito, há que se referir que a maioria dos países africanos obteve a independência no período entre 1955 a 1965. Em 1955, a África Subsaariana praticamente não possuía territórios descolonizados. “De fato, o primeiro grupo de países africanos que alcançou a Independência o conseguiu na década de 50 do século XX. A Etiópia alcançou em 1941. A independência total do Sudão foi em 1956. A Tunísia e Marrocos em 1956. Gana em 1960 e a Guiné-Conacri em 1958”. (MARTINEZ, 1992, p. 10). O sentimento de unidade nacionalista africana conduziu as nações que tinham obtido as soberanias sobre os seus territórios a apoiar as demais lutas pela libertação. A solidariedade ajudou os moçambicanos a enquadrar a sua luta no quadro mais global dos movimentos de resistência da África.

Criaram-se também em Moçambique associações legais de carácter cultural e recreativo que procuravam divulgar os valores africanos em geral e moçambicanos em particular, além de fazer valer o modo de vida dos moçambicanos, veiculando através da música, da literatura, das artes plásticas e da imprensa valores culturais, denunciando o racismo e as humilhações sofridas pelos moçambicanos. A difusão de artigos e poemas nos jornais possibilitou a transmissão de mensagens de contestação e de afirmação nacionalista. É quando se destacam na música, nas obras plásticas, na poesia, nos textos críticos jornalísticos e nas reivindicações, nomes como o de João Dias, Marcelino dos Santos, Luís Bernardo Honwana, José Craveirinha, Noémia de Sousa, Bertina Lopes, Malangatana Ngwenya e Alberto Chissano, entre outros.

O papel da intelectualidade moçambicana foi preponderante para difundir os ideais de transformação e liberdade. Consciente da necessidade de se opor à submissão imposta pelos colonizadores, a postura dos intelectuais desencadeou o enfrentamento ao colonialismo e fez da expressão literária um meio profícuo para contrapor a situação imposta na época. Segundo José Craveirinha, “a poesia foi sempre [...] um instrumento, uma ferramenta de reivindicação. Os meus poemas têm sempre uma dimensão social, sociopolítica. Mesmo quando falo de coisas como

flores. É também um refúgio para minhas dores pessoais”. (CRAVEIRINHA apud CHAVES, 2005, p. 240).

Na associação era discutida a importância do campo cultural como componente anticolonialista, aliado ao surgimento de um jornalismo ativo e polêmico, pautado em críticas severas ao modo de repressão europeia. Desempenhando ações importantes na presidência da associação e no cenário político de Moçambique, José Craveirinha definiu a relevância da instituição, principalmente por considerar a sua proposta nativista.

A Associação Africana teve importância por conta das suas atuações, mas também pelo prestígio dos seus frequentadores, contando com os Albasinis e o Dr. Karel Pott, primeiro advogado negro de Moçambique. Os irmãos João e José Albasini foram os responsáveis pela implantação de um jornalismo dirigido à população local de Moçambique. Protagonizaram a história da imprensa moçambicana, voltaram-se para as questões locais, trataram de temas referentes às condições do trabalhador, das situações de maus tratos, injustiças e discriminações de variada ordem. Exerceu-se uma ação através de jornais e outras publicações como é o caso das pinturas, denunciando arbitrariedades, atos injustos e imorais praticados por agentes da autoridade colonial. Procuravam denunciar os abusos cometidos pelo colonialismo.

João Albasini, em especial, é considerado o primeiro jornalista de Moçambique, criou os jornais *O africano*, de 1908, e *O brado africano*, de 1918, contribuindo para a divulgação de quase todos os escritores da literatura moçambicana, dentre eles Noémia de Sousa. O jornal era publicado em português e em ronga, língua Bantu falada em Moçambique, com o objetivo de atingir um maior número de leitores. Conforme Alfredo Margarido (1980), o jornalismo feito, em específico, nas publicações desse impresso contribuiu para a divulgação das ideias que se opunham ao regime imposto por Portugal:

No final da década de 1940, Moçambique assiste à afirmação de um anseio literário que traçou o panorama da poesia e da prosa. Nessa fase, a poesia se veste de pioneirismo e expressividade, denunciando a situação dos negros e mestiços residentes na colônia, constituindo-se assim na primeira chamada de atenção para a existência dos problemas resultantes da dominação portuguesa. Uma parte significativa da produção literária moçambicana, no período colonial, foi realizada por

escritores que centram a sua temática nas questões inerentes ao trabalho forçado, à divisão social colonizado/colonizador e às condições estruturais da colônia. São obras produzidas principalmente levando em conta o fator da territorialidade e, dessa maneira, tentam forjar a consciência do que é ser moçambicano no primeiro âmbito circunscrito à África e, posteriormente, no contexto internacional.

Em recusa à produção inicialmente imposta pela metrópole portuguesa, os intelectuais anticolonialistas de certa forma também impuseram o engajamento como mote para a escrita, defendendo a premissa de que a literatura deveria empenhar o papel da resistência, simbolizando uma ruptura com a literatura colonial de cunho notadamente preconceituoso sobre o africano. Literatura que exaltava o homem europeu, tido como portador de uma cultura superior e aproveitava da temática do negro para elaborar uma série de estereótipos eficazes e perigosos. A produção literária que rompe com o modelo europeu coloca o africano em destaque, tornando-o sujeito e não mais objeto ou somente força de trabalho, como até então acontecia. Na ficção, o negro passa a protagonizar as linhas das histórias narradas na prosa e na poesia e se torna a temática dos versos.

O texto literário passa então a desempenhar uma função social e histórica à medida que se constitui em um importante meio de registros e diálogos em direção à valorização da África e do homem negro. A partir de desconstruções dos estereótipos negativos, utilizados para excluir e descaracterizar os africanos, são inseridas nos textos e contextos das novas produções ficcionais, concepções e valores próprios das culturas africanas. Os processos de conscientização de tais marcas africanas abrem o caminho para o resgate de todo um universo cultural que sobreviveu, durante séculos, oprimido e relegado a segundo plano.

Ao ser redescoberto pelos próprios habitantes e pertencentes da terra, o continente é redimensionado na sua complexidade e diversidade, em detrimento das ideias limitadoras e preconceituosas, antes apresentadas apenas como espaço mítico e homogêneo. Através de uma atitude pioneira de contestação e de enfrentamento ao colonialismo português, Noémia de Sousa possui em suas poesias a presença constante das raízes africanas, abrindo os caminhos para a exaltação da Mãe-África, transformando marcadamente a percepção da literatura que se produzia em Moçambique.

REFERÊNCIAS LITERÁRIAS

Após os primeiros passos na publicação de poemas nos jornais, assim como outros escritores, Noémia de Sousa teve grande influência dos movimentos literários da Europa e da América. A sua participação nos movimentos mobilizadores da juventude moçambicana em prol das discussões sobre o anticolonialismo lhe atribui maior consciência crítica na defesa de uma postura empenhada do artista frente aos problemas sociais de seu tempo. Aderiu a tendências literárias que reagiam contra as situações políticas e socioeconômicas, a exemplo do modernismo brasileiro e português. Tendências para a literatura de crítica social, tanto na poesia quanto na prosa, intensificadas pela perspectiva de denúncia social e antifascista do Neorrealismo português. Para Luís Augusto Costa Dias, os escritos neorrealistas passaram a assumir uma posição mais crítica diante dos problemas sociais presentes na época, pois buscavam a conscientização do leitor para a realidade social e a miséria moral. Esses movimentos literários eram os que melhor atendiam aos anseios das vertentes artísticas que buscavam a valorização estética, a partir da concepção de uma nova “arte social e humanista”. (DIAS, 1996, p.59).

É uma literatura de tensão dialética, um instrumento de transformação em que o texto literário é um campo plural de significados colocado como a forma de pensar as contradições da realidade. O ponto de vista dessa investigação literária tem como “chão” a história, pois parte de pressupostos que enxergam a obra como um trabalho individual e a literatura como coletiva, a qual se origina de um ser, que é antes de tudo social, no caso o escritor. No momento em que a literatura se relaciona com a sociedade, nascendo dela, entra em intersecção com a história, havendo, entre as duas, diferenças pelas quais cada uma possui estatuto próprio. Ambas têm a ver com o real, remetem ao real, como afirma o teórico João Hernesto Weber (2009), mas apenas a primeira citada é capaz de captar a realidade de forma totalizante, incluindo suas fissuras, seu cotidiano e suas memórias.

A proximidade com a metrópole portuguesa com relação à movimentação de intelectuais que iam e vinham de Portugal, possibilitaram a circulação de livros que apresentavam as tendências estético-literárias da época. Francisco Noa expressa a preponderância desses contatos para a diversidade de referências bibliográficas iniciais dos escritores moçambicanos.

A presença, na então colônia de Moçambique, de intelectuais aí radicados, quando não mesmo radicados, sobretudo oriundos da esquerda portuguesa funcionaria como um factor marcante para despertar nos jovens de então, através dos livros que chegavam de navio da Europa para o Brasil, um interesse genuíno por outras culturas e por outras visões do mundo. (NOA, 2011, p. 407).

A literatura neorrealista teve no Brasil e em Portugal motivações semelhantes, resgatando os valores do realismo e naturalismo do fim do século XIX com forte influência do modernismo, marxismo e da psicanálise freudiana. As semelhanças ocorrem porque tanto em Portugal com o salazarismo e no Brasil com o Estado Novo, de Getúlio Vargas, os governos eram ditatoriais, conseqüentemente proibitivos.

É interessante frisar que a geração de Noémia de Sousa foi uma geração que leu os mesmos livros, isto é, os homens e mulheres dessa geração formaram-se em torno dos mesmos problemas, das mesmas preocupações. Todos eles, já em 1948 a 1949, seguiam, atentamente, o triunfo da revolução chinesa, os sucessos da URSS, acompanhavam o que passava na América do Norte, lendo os livros sobre os negros da América.

O Neorrealismo foi predominante para a juventude moçambicana nos primeiros momentos de mobilização, por eleger como temática fundamental na literatura assuntos relacionados com a luta de classes, questões socioeconômicas e suas implicações na e para a sociedade. O movimento baseou-se na interpretação do materialismo dialético em que para os marxistas, a cultura, a arte, a religião, o direito, os costumes e o próprio conceito de natureza humana são superestruturas das infraestruturas. Como as realidades econômicas sofrem transformações impostas pela luta de classes, deduz-se que as superestruturas delas derivadas tendem a se transformar também. Depreende-se daí que a cultura, a arte, as crenças religiosas, as leis e tudo o que o homem pensa de si não são realidades imutáveis, mas realidades em contínuo evoluir.

Diante desse quadro, a literatura procura apreender o homem na sua totalidade, com implicações não biológicas e psicológicas apenas, mas também socioeconômicas. Neste caso, como as realidades se modificam pela dinâmica

social, a “arte pela arte” não mais interessará e nesse momento criar-se-á uma literatura cujo tema fundamental será a luta entre exploradores e explorados.

Os escritores brasileiros modernistas despertaram grande interesse dos moçambicanos pelo destaque dado nas obras literárias a uma crítica pautada na realidade brasileira que, naquele momento, passava por grandes crises econômicas e também ao enfoque nas preocupações político-sociais. O modernismo, ao tratar da crise cafeeira, da seca, da migração e da falta de remuneração dos trabalhadores, aproximava os problemas do Brasil, ex-colônia de Portugal, dos de Moçambique, ainda colônia, além de nutrir o desejo de independência já conquistada pelo Brasil. Dentre os escritores brasileiros lidos, há um espaço especial reservado a Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego, conforme depoimentos de muitos escritores. A fase dos anos de 1930 ficou marcada pela quebra das amarras formais do academicismo e passou a chamar a atenção das regiões mais carentes do Brasil. É tanto que as poesias de Noémia de Sousa manifestam as ressonâncias do Modernismo e do Neorrealismo.

Em especial, o modernismo brasileiro mobilizou os escritores moçambicanos, assim como os dos outros países africanos de língua oficial portuguesa. Um maior compromisso dos artistas com a renovação estética, a criação de uma forma de linguagem que rompe com o tradicional, transformando a forma como até então se escrevia, com a utilização do verso livre, a fala coloquial e a valorização do cotidiano foram elementos que motivaram a realização de uma escrita literária voltada para situação vivida em Moçambique.

As tendências estéticas absorvidas pelos escritores moçambicanos eram conciliadas com as preocupações locais e os acontecimentos no mundo moderno, pois não se poderia perder de vista a contestação do sistema colonial que cerceava as possibilidades de desenvolvimento da liberdade de expressão e difusão da cultura moçambicana. Devido à conjuntura nacional de intensa repressão política nas ainda então colônias portuguesas, foi fora dos espaços colonizados que se edificou o movimento de libertação de Moçambique.

ATIVISMO E RESISTÊNCIA

Em meados dos anos de 1940, até o início dos anos de 1950, foi marcante a efervescência cultural e política em Moçambique. Escritores, intelectuais e artistas passaram a integrar organizações que desenvolviam ações libertárias contra o colonialismo português. Reuniões, discussões, conferências e estratégias eram comuns, tanto quanto a poesia, a pintura e outras formas de arte.

Desde 1949 Noémia de Sousa já denuncia nos periódicos moçambicanos fatos relacionados à discriminação, segregação e corrupção. Na ocasião em que o estudante da Universidade de Witwatersrand, Eduardo Chavimbo Mondlane, futuro presidente da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), é expulso da África do Sul pelo regime do *apartheid*, o fato foi acusado nas páginas do jornal *O brado africano*.

Integrante dos movimentos associativos criados em Moçambique, a autora participou do grupo Jovens Democratas Moçambicanos (MJDM) cujo objetivo era fazer uma intensa propaganda contra o Estado Novo, através da distribuição de anúncios políticos clandestinos. Considerado um organismo pró-comunista pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), Noémia de Sousa atuou expressivamente no grupo, ficando responsável pela impressão de panfletos que continham propagandas políticas contra o governo. Por suas atuações contra o Estado, Noémia de Sousa é acusada de pertencer ao Movimento dos Jovens Democratas de Moçambique e de ter ligações com o Partido Comunista Português (PCP), sendo, então, presa pela PIDE.

A liderança desse movimento esteve a cargo de Sobral de Campos, antigo consultor jurídico da Confederação Geral de Trabalho e outros organismos operários portugueses radicados em Moçambique, Sofia Pomba Guerra e Raposo Beirão, advogado. João Mendes, Ricardo Rangel, fotógrafos, e Noémia de Sousa, poetisa, faziam também parte do movimento. “O MJDM pretendia combater as grandes injustiças sociais de que estavam sendo vítimas os trabalhadores e promover a unidade de todos os africanos”. (MATEUS; MATEUS, 2010).

Noémia de Sousa foi presa e segundo os registros policiais de condenação, teria engolido um bilhete que lhe enviaram e, por não ter obedecido a ordens, foi detida. Ao ser solta, a escritora continuou realizando atividades clandestinas, participando de reuniões que discutiam os problemas do país e planejando a formação de organizações para combater a opressão portuguesa, com distribuições

de propagandas, reforçando ainda mais a sua atuação e posicionamentos. Sob a opressão do regime salazarista, surgira uma série de movimentos democráticos, cujos debates e ações tiveram a calorosa participação dos estudantes. O marxismo, doutrina adotada por importantes países no contexto político internacional, também estava proliferando na sociedade portuguesa. Alguns estudantes possuíam vínculos estreitos com o Partido Comunista Português e disseminava seus ideais libertários.

Criada em 1945, no governo de Salazar, com a finalidade de defender o regime contra as atividades e organizações revolucionárias, a PIDE surgiu com a modernização do aparelho secreto policial a fim de promover investigações e prisões em Portugal e nas colônias portuguesas. A vigilância ocorria de maneira arbitrária desde a violação de correspondência e interceptação de ligações telefônicas à condenação de ativistas sem culpa formalizada. A PIDE foi extinta juntamente com o governo de Salazar em 1974.

A circulação entre Moçambique, Angola e Portugal possibilitou tanto a Noémia de Sousa quanto aos outros participantes do movimento a formulação de ideias subversivas, despertadas pelos desmandos da ditadura de Salazar e o sistema colonial, mas também pela vontade de descobrir e valorizar as culturas dos povos colonizados. Nesse momento, a influência do Partido Comunista era muito forte porque estabelecia como ideologia política o "comunismo puro" que, na concepção marxista, defende uma sociedade sem classes, sem Estado e livre de opressões, em que as decisões sobre a produção e quais as políticas devem prosseguir são tomadas democraticamente, permitindo que cada membro da sociedade possa participar do processo decisório. Além de pressupor a eliminação de toda e qualquer desigualdade, pelo menos no que se refere ao bem-estar material, também promovia a extinção do antagonismo entre grupos e classes sociais, dando ênfase aos aspectos distributivistas e a igualdade social, isto é, a abolição das classes como o objetivo maior.

A reivindicação se afirmava pelo reconhecimento das diferenças e por valores próprios, já que havia se ampliado fortemente a demarcação de dois polos distintos, a do colonizado e a do colonizador. A recusa ao colonizador conduzia a uma práxis literária que registrava as modificações do contexto e o desejo de tornar públicas as formas desse enfrentamento, tornando perceptível a verificação do processo de estabelecimento dos traços formadores de uma literatura de combate. Albert Memmi

(2007, p. 99) destaca que a emergência de uma literatura dos colonizados ocorre com a tomada de consciência dos escritores africanos, não de uma forma isolada, mas de todo um grupo humano como sinal de maturidade da leitura que esses autores têm do país, da região e do transcorrer da sua história.

Assim como ocorreu com muitos estudantes, o governo fascista de Salazar permitiu que uma pequena quantidade de jovens africanos, oriundos das colônias portuguesas, adentrasse as portas das instituições de nível superior, trazendo consigo malas, saudades de casa e um medo do modo como aquele mundo novo iria receber aqueles homens e mulheres negros e negras. Havia estudantes de diversas nacionalidades: moçambicanos, angolanos, guineenses, entre outros.

Quando a empreitada colonialista abre espaço para um sistema educacional mais efetivo em Moçambique, no início do século XX, dá-se então o surgimento de um público leitor e também de um maior número de intelectuais engajados com a causa moçambicana. É notória a necessidade de veículos de comunicação que atuassem paralelamente às atividades dos intelectuais, fomentando e dando suporte às criações literárias e culturais.

A imprensa prestou consideráveis serviços não apenas para a literatura, mas para as comunicações em geral, diretamente vinculadas à realidade do entorno em que circulava o território de Moçambique. Muitas publicações tiveram vida breve. Outras, contudo, sobreviveram a todas as dificuldades e circularam, ao longo dos anos, mesmo após perseguições políticas e atentados, pois exerciam constantes críticas à administração colonial. A imprensa moçambicana se assume, não só como instrumento de pressão, mas também, como um mecanismo regulador do mau gerenciamento da colônia.

Mesmo sem ter os seus escritos reunidos em livro até 2001, os poemas de Noémia de Sousa circularam no continente africano e em Portugal graças a circulação em jornais e às inúmeras antologias de poesia que transitaram na época, cujos autores jamais se esqueceram de valorizar o lugar ocupado pela poetisa no cenário das letras africanas.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

DIAS, Luís Augusto Costa. A imprensa periódica na gênese do neo-realismo (1933-45). In: *A imprensa periódica na gênese do movimento neo-realista*. Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo, 1996.

GUERRA, Ruy. A autenticidade do cinema brasileiro. In: *A nova democracia*. Ano I, nº 7, março de 2003.

hooks, bell. *Intelectuais negras*. Estudos feministas. Florianópolis, v. 3, n.2, p. 464 - 478, ago./dez. 2005.

IGLÉSIAS, Olga. Tese de doutoramento "O movimento associativo africano em Moçambique. Tradição e Luta, 1926-1962". defendida na FCSU/UNL, em 2009.

LABAN, Michel. Encontro com Noémia de Sousa. In: *Moçambique: encontro com escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1998, v. 1, p. 243-346.

LARANJEIRA, Pires. *A negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, 1980.

MARTINEZ, Paulo. *África e Brasil: uma ponte sobre o Atlântico*. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1992.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NOA, Francisco. *Interseções afro-luso-brasileiras na poesia de Noémia de Sousa, José Craveirinha e Rui Knopfli e o estabelecimento do cânone literário moçambicano*. São Luís: Anais do XXIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP), setembro, 2011. Disponível em: <http://www.abraplip.org/anais>. Acesso em 29 de maio de 2013.

SOUSA, Noémia de. *Sangue negro*. Maputo: AEMO, 1998.

WEBER, João Hernesto. *Tradição Literária & Tradição Crítica*. Porto Alegre: Movimento, 2009.

ZAMPARONI, Valdemir. *De escravo a cozinheiro: colonialismo e racismo em Moçambique*. 2ª ed. Salvador: EDUFBA: CEAO, 2012.